

MEMÓRIA DESCRITIVA do Pedido de Classificação Patrimonial Municipal da Corticeira de São Francisco da Serra

Rua 25 de Abril, Aldeia de São Francisco da Serra, Concelho de Santiago do Cacém

1. INTRODUÇÃO

Esta Memória Descritiva fundamenta o pedido de Classificação Municipal do património edificado da Corticeira de São Francisco da Serra, enquadrando-se este pedido nos termos do Decreto-Lei n.º107/2001, de 8 de Setembro e no Decreto-Lei n.º309/2009, de 23 de Outubro. Apresentando-se uma caracterização e análise para a sua reabilitação em forma de Relatório Prévio, conforme o artigo 15º do Decreto-Lei n.º140/2009, de 15 de Junho, incluindo levantamento fotográfico do edifício da fábrica no seu estado actual, com indicação das vistas em planta.

2. JUSTIFICAÇÃO E ENQUADRAMENTO LEGAL DO PEDIDO DE CLASSIFICAÇÃO



Vista da freguesia de São Francisco da Serra

O imóvel que se pretende classificar como de interesse municipal é a antiga fábrica de cortiça de São Francisco da Serra, denominada Corticeira de São Francisco, localizada no centro da aldeia de São Francisco da Serra, concelho de Santiago do Cacém. Esta especificidade da sua inserção urbana confere-lhe singularidade e relevância raras por comparação com a localização mais comum deste tipo de edificações. Em geral compostas por um conjunto de naves industriais

de grandes dimensões, casa da caldeira, escritório e uma grande área de terreno envolvente para descarga e empilhamento da cortiça, normalmente estas estruturas espaciais situam-se na periferia dos aglomerados. Ora, em São Francisco acontece que a corticeira não só se situa bem no seu centro, como pela dimensão relativamente pequena e concentrada da aldeia, ganha uma proeminência marcante na imagem do aglomerado urbano, sendo definitivamente parte integrante e notável do seu carácter e da sua morfologia.



Vista aérea do terreno da antiga Corticeira de S. Francisco com destaque para a sua inserção no centro na freguesia.

A altura das naves e da chaminé da fábrica, evidencia-se face às pequenas casas de um ou dois pisos com as quais se confrontam na envolvente próxima. A sua volumetria tem especial impacto pelo facto de se encontrarem dispostos longitudinalmente entre as duas principais ruas da aldeia, com os topos cegos de ambos os armazéns virados para a estrada (Rua 25 de Abril). Esta força da presença dos edifícios da corticeira de São Francisco é um equivalente do impacto que o montado e as atividades a ele associadas têm ainda hoje na economia e na estrutura social da aldeia, sendo por isso, até inconscientemente, um símbolo da sua identidade e uma imagem da sua memória colectiva.

“Todavia, a grande riqueza da serra, que é a da freguesia, está no mercado de sobro, na cortiça e no seu rendimento. Uma estatística agrícola de finais do século XIX, assinala na freguesia mais de 3300 hectares de montado de sobro numa área total de cerca de 5000, o que significa dois terços da terra a dar cortiça ou 88% se considerarmos apenas a área cultivável (...)” MADEIRA, João. “Uma aldeia na Serra da Cortiça” in *Gentes e culturas - Freguesia de São Francisco da Serra. Caderno temático nº 3*. Junta de freguesia de São Francisco da Serra, pp. 7-9, Setembro de 2003.



Fachada leste (nascente) do conjunto edificado da antiga Corticeira de São Francisco.

Sendo a construção do imóvel do final dos anos 1950, mais precisamente de 1959, significa que aquela fábrica está ali há 60 anos, desde o início da vida adulta daqueles que hoje são os mais velhos e já reformados, fazendo parte das memórias de infância de todos aqueles que ainda hoje são ativos e presente em muitos momentos da vida da aldeia, como não podia deixar de ser por se situar no seu centro, por ali se terem realizado diversos acontecimentos relativos à vida comunitária da população de São Francisco, inclusive festas de casamento.

Assim as razões fundamentais para a classificação da Corticeira de São Francisco como património de interesse municipal são:

- A sua singularidade e relevância raras relativamente ao contexto urbanístico em que se insere em função da sua particular localização no centro do aglomerado urbano e do carácter proeminente do conjunto edificado, constituindo-se como elemento definidor da matriz espacial da aldeia de São Francisco da Serra e principal testemunho da memória colectiva para a sua atual população, dessa forma revestindo-se de relevante e inegável interesse cultural arquitectónico, social e etnográfico, como referido no ponto 3 do artigo 2º do Decreto-Lei nº107/2001 de 8 de Setembro;
- O seu excepcional interesse cultural histórico, documental e industrial (ponto 3 do artigo 2º do Decreto-Lei nº107/2001 de 8 de Setembro), por se tratar de

um dos exemplos deste tipo de estruturas existentes na região em melhor estado de conservação no seu todo, quer relativamente à sua espacialidade, enquanto unidade fabril, no essencial intacta, quer relativamente à presença de vários elementos definidores da sua funcionalidade, todos eles passíveis de recuperação ou reconstituição: a caldeira de cozedura da cortiça, a chaminé, o depósito de água e um conjunto de objetos que serviam essa funcionalidade, como os carros de transporte dos fardos de cortiça, as bancadas de preparação e corte da mesma, a mesa de estender e cortar arame, a prensa e os escadotes para empilhar a cortiça nos camiões de transporte, etc.;



Relação entre o montado e a costa (ao fundo) na paisagem da região.

- A sua específica e estratégica localização num contexto cultural e territorial tão particular como interface entre a terra e o mar, entre o interior e o litoral e entre a vida do “meio rural” e a vida da “orla costeira”, do qual a aldeia de São Francisco, onde se situa, é talvez o melhor exemplo no Concelho de Santiago do Cacém. Se a funcionalidade para a qual a corticeira foi construída está essencialmente ligada à terra e ao mundo rural, a sua localização e proeminência estabelecem uma ligação inquestionável com o mar e a orla costeira. Dali começa a avistar-se o Oceano Atlântico cuja imensa massa de água tudo influencia, desde as particularidades endógenas da população da região, passando obviamente pelo clima húmido e temperado, até a qualidade

da cortiça que ali é extraída e que, já em meados dos anos 30 do século passado, a publicação “O Álbum Alentejano” referia como sendo a melhor da Península Ibérica. Situada na linha de fecho que separa o interior alentejano do Alentejo Litoral, dali até à costa da Lagoa de Stº André é sempre a descer. Nesta descida não raras vezes avista-se todo o território ao longo de uma estrada de exemplar beleza que, atravessando São Francisco da Serra e delimitando de um dos lados a parcela de terreno onde se situa o edifício, faz da aldeia um autêntico portal para a orla marítima e da edificação da corticeira o lugar do meio por excelência: do meio da aldeia, do meio sociocultural onde se insere, do meio entre mundos. Dessa forma entendida, a edificação potencia uma relação informativa e interpretativa com o contexto social, cultural e paisagístico onde se insere, funcionando para os novos visitantes como possível ponto de partida para a descoberta da região e para a comunidade local como centro gravítico do contexto territorial do seu quotidiano e da sua memória, concretizando a ideia de património cultural expressa no ponto 6 do artigo 2º do Decreto-Lei nº107/2001 de 8 de Setembro;

- O seu potencial excepcional de reconversão enquanto espaço cultural multiusos, numa articulação de complementaridade com os equipamentos culturais já existentes na região e, portanto, de interesse não só para a freguesia de São Francisco em particular, mas para todo o município, revitalizando a identidade da aldeia e contribuindo decisivamente para a sua articulação com o potencial cultural e turístico da região envolvente. Um espaço acessível a toda a comunidade e a todos os visitantes, capaz de concretizar a expressão de toda uma cultura associada ao montado, mas influenciada pela presença do mar. Para isso, prevê-se a programação de um conjunto de iniciativas que terão como objetivo fortalecer a relação entre artes, ofícios, sabores, saberes e tradições locais e a contemporaneidade da arte e da vida, projetando a vila na região e contribuindo para a projeção da região no mundo, de forma sustentada e sem comprometer o seu futuro, dando assim cumprimento aos objetivos da classificação enunciados no artigo 12º do Decreto-Lei nº107/2001 de 8 de Setembro.

3. ENQUADRAMENTO URBANO E TERRITORIAL

O imóvel localiza-se no centro da freguesia de São Francisco da Serra, no gaveto entre a Rua 25 de Abril (a sul) e a Rua Dr. Ferrer Gonçalves Ferreira (a norte). Situa-se poucos metros a sudoeste da Igreja de São Francisco da Serra, a nordeste do Cemitério e a sudeste da Junta de Freguesia. O entorno é composto sobretudo por edificações térreas de uso habitacional, havendo excepcionalmente algumas com dois ou três pavimentos. Além do uso habitacional, há pontualmente alguns estabelecimentos comerciais na Rua 25 de Abril, que limita o terreno a sul, mais concretamente dois cafés/restaurantes.



Mapa esquemático de localização do terreno da antiga Corticeira no entorno urbano da freguesia de S. Francisco da Serra.

Antes da ocupação fabril, o terreno em questão fazia parte de uma antiga fazenda cujos domínios se prolongavam a Sul. Na segunda metade da década de 1940, um Plano Nacional Rodoviário estabelece a construção da Estrada Nacional 261, entre a Comporta e Aljustrel, que passa a fazer a ligação entre São Francisco da Serra e a Lagoa de Santo André. A abertura dessa via em direção à costa, atualmente rebatizada de Rua 25 de Abril no trecho em que corta o centro da freguesia, fragmenta a área da fazenda, provocando a desanexação e isolamento do terreno futuro da fábrica. Uma vez convertido em propriedade independente é vendida aos fundadores da Corticeira de São Francisco.

A extração e preparação da cortiça foi um dos fatores impulsionadores da ocupação da freguesia de São Francisco da Serra. O ápice populacional da mesma coincide com um dos períodos áureos de exploração da matéria-prima no país, entre as décadas de 1940 e 1960, em que registou a média de 1650 habitantes. A inserção urbana do terreno da antiga Corticeira é um indício espacial da importância dessa indústria para o desenvolvimento económico e populacional do lugar. Este situa-se no meio da freguesia, destacando-se como um núcleo do conjunto urbano, ao redor do qual se desenvolveu a ocupação da área.

Geograficamente, a localização da fábrica na freguesia de São Francisco da Serra, próxima às zonas de montado de sobro e com fácil ligação ao litoral, representava uma vantagem logística no que diz respeito à extração da matéria prima e ao escoamento do produto. Do montado ao litoral, com a freguesia no meio, desenha-se uma linha que representa esquematicamente as etapas de produção da cortiça: extração, preparação e escoamento. Preservar o conjunto da antiga fábrica corresponde a reconhecer a importância dessa atividade no desenvolvimento social, económico e urbano da região. Conferir novo uso ao local, respeitando sua espacialidade original, é uma forma de reintegrar este imóvel de importância histórica no quotidiano da freguesia, contribuindo para o desenvolvimento da comunidade.

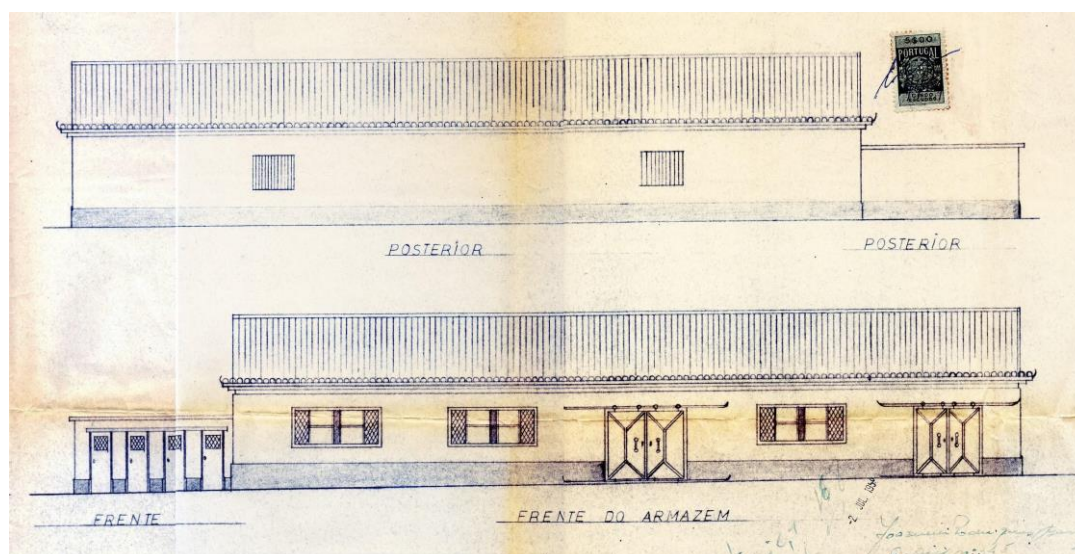
4. DESCRIÇÃO DO IMÓVEL

A Corticeira de São Francisco está no centro da aldeia de São Francisco da Serra, situada num terreno urbano de 3352,22 m², tem 783.84 m² de área edificada e 2569,07 m² de terreno livre. A forma triangular do terreno,, é condicionada por localização no gaveto das ruas 25 de Abril (a sul) e a Dr. Ferrer Gonçalves Ferreira (a norte). O perímetro do terreno é cercado por muro em toda a sua extensão e o acesso é feito por um portão de ferro localizado na Rua 25 de Abril ou por um porta de ferro na Rua Dr. Ferrer Gonçalves Ferreira, havendo também uma antiga abertura a leste, no topo do lote, que se encontra emparedada. A área edificada concentra-se na porção oeste do terreno. Inclui duas naves industriais confinantes de planta retangular, a primeira das naves apoiada por um edificado para as instalações sanitárias a sul; e um conjunto adjacente de pequenas construções de distintas de baixa altura: um alpendre que dá cobertura à caldeira e um anexo dividido em 3 pequenas salas destinadas à administração da fábrica, ambos a norte. A parte não

edificada corresponde a uma área de terreno original onde se situam a antiga chaminé, o poço (tapado) e um reservatório de água elevado.

Entre Junho e Setembro de 1959 a firma Quaresma & Simões LDA. obtém da Câmara Municipal de Santiago do Cacém licença para a construção de um armazém e caldeira para preparação de cortiça. Em maio de 1960 é emitido o primeiro alvará de funcionamento da Corticeira de São Francisco que é renovado anualmente até 1964. Por volta de 1962, quando a fábrica alcançou algum êxito, faz-se necessária a construção do segundo armazém, o qual comunica diretamente com a caldeira e passa a abrigar as etapas subseqüentes ao cozimento da cortiça, nomeadamente a prensagem, o traçamento, o recorte e a escolha. O primeiro armazém, onde antes eram desempenhadas estas funções, passa a funcionar como depósito dos fardos de cortiça. Entre 1965 e 1973 a produção de cortiça é interrompida e os empresários responsáveis, Silvério Quaresma e Jorge Simões, passam a dedicar-se a outros negócios, como a criação de suínos através da Casa Agrícola Pinheiro Bravo e Malhadais, localizada ainda na freguesia de São Francisco da Serra, porém em outro local.

Em 1973 a fábrica volta a explorar cortiça, porém fecha por volta de 1975, quando as empresas de preparação e transformação do Norte prosperam e passam a centralizar a etapas de produção nesta região, apesar de ainda dependerem da matéria prima dos montados de sobro do Sul. Nos anos 1990 as instalações da Corticeira são adaptadas para a produção de cereais. A fábrica passa a produzir rações visando tanto a provisão de alimentos para criação suína dos donos quanto a venda. Em 1995 as atividades são definitivamente interrompidas, permanecendo as edificações devolutas desde então. Nos períodos de inatividade da fábrica, há relatos que o edifício foi utilizado ocasionalmente para eventos sociais da freguesia, sobretudo na década de 70, tais como, festas de casamento dada a proximidade da igreja e a indisponibilidade de grandes espaços de convívio na aldeia. Atualmente, o terreno é usado para pastagem de cabras de um criador local.



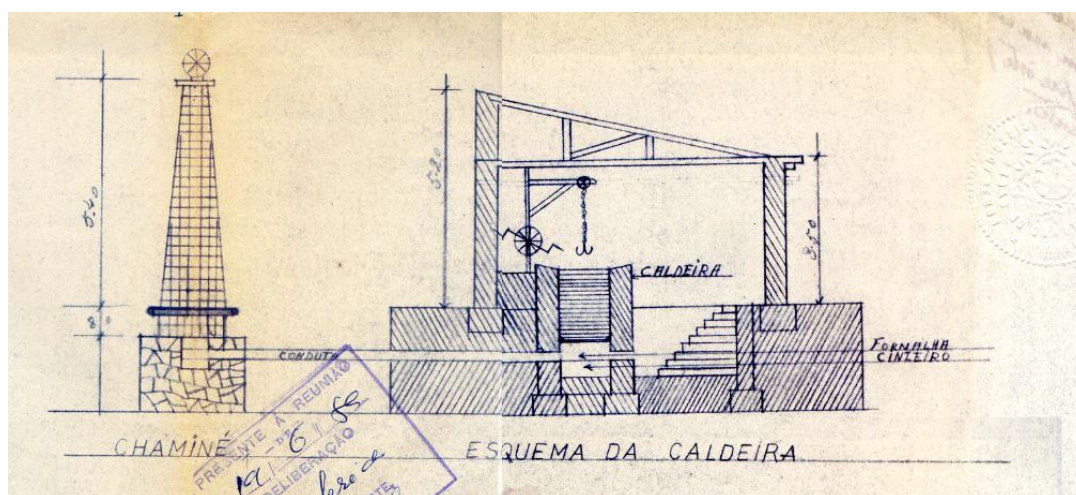
Fachadas do primeiro armazém com o anexo destinado às instalações sanitárias. Extraído do *Projecto de um armazém caldeira e muros que Sr. Quaresma & Simões LDA. pretendem construir em São Francisco da Serra*, Licença de construção da fábrica, Desenho nº 01, Processo nº99 de 1959.

O muro que cerca todo o perímetro do terreno foi construído em alvenaria de tijolo de dois furos rebocado numa só face. A nave mais interna, no limite oeste do terreno, é da primeira fase de construção da fábrica, erigida em 1959 e de autoria desconhecida, juntamente com o conjunto formado pela caldeira, chaminé e poço. Apresenta planta retangular disposta longitudinalmente no sentido norte-sul, dividida em dois compartimentos. As paredes têm espessura de cerca de treze centímetros, são em alvenaria de tijolo de dois furos assente à meia vez, rebocada nas duas faces. Encostados a estas paredes, em todo o perímetro, existem montantes em alvenaria destinados à estabilização das paredes e ao suporte da carga da cobertura. Os pavimentos são em terra batida, a cobertura é suportada por estrutura de madeira, asnas, madres e ripa, assentando sobre estas telhas cerâmicas tipo marselha. Na fachada oeste (poente) existem duas janelas de guilhotina em metal e vidro. Na fachada leste (nascente) existem três vãos atualmente emparedados. Ao longo da fachada sul do primeiro armazém localiza-se o edificado que comporta as instalações sanitárias, cujo acesso faz-se pelo exterior. Este é composto por duas divisões com bacia sanitária e lavatório e duas com cabinas de duche.

A segunda nave foi construída posteriormente, por volta de 1962, repetindo o projecto da primeira (não há registo do licenciamento desta alteração), sendo em tudo semelhante nas proporções, na métrica da estrutura, e nas fachadas, nas técnicas construtivas e passa a acolher os mesmos processos fabris. Difere do inicial apenas

por não ter o espaço dividido por uma parede e estar coberto por um pavimento em betonilha. Na altura em que a fábrica se dedicou à produção de cereais, uma parte do piso deste armazém foi rebaixada para comportar quatro silos que não cabiam na altura do edifício. Existem ainda outros dois compartimentos retangulares escavados no piso e que serviam como reservatórios de descarga dos cereais. O segundo armazém apresenta ainda na fachada leste, além da entrada principal, três janelas de guilhotina em metal e vidro e uma porta (de ligação com a caldeira) que se encontra atualmente emparedada. A entrada principal do conjunto composto pelos dois armazéns faz-se por um portão de correr, em ferro, centralizado na fachada leste do segundo armazém e a comunicação entre ambos é feita por um elemento semelhante na fachada leste do primeiro armazém, parede que separa os dois espaços.

A caldeira consiste em um sistema de fornalha simples, usado no método tradicional de cozedura da cortiça, composto por uma banheira em cobre (a caldeira propriamente dita) com paredes de tijolo compacto, grelha sobrelevada, cinzeiro e chaminé. O abastecimento da banheira em cobre era facilitado por uma bomba que impulsionava a água do poço ao reservatório superior e deste à caldeira, seguindo através de condutas.



Esquema de funcionamento da caldeira da antiga Corticeira de São Francisco. Extraído da *Planta de muros e cadeiras do Sr. Quaresma & Simões LDA. em São Francisco da Serra*, Licença de construção da fábrica, Processo nº99 de 1959.

A chaminé é em tijolos maciços, tem 10,50 m de altura, possui secção quadrangular, e capelo de arame. O poço encontra-se tapado por uma laje e, segundo fontes locais, a pedra oriunda da cava do poço foi empregada na construção da base

do muro que cerca a propriedade. O reservatório elevado possui 6,10 m de altura e estrutura composta por perfis metálicos de antigos carris.

O muro que cerca o terreno apresenta indícios de ruína encontrando-se escorado por um conjunto de pilares e vigas pré-esforçadas já colocadas pelo atual proprietário. Para além de neste momento já constituir um perigo para a segurança dos habitantes, constitui também um elemento sem qualquer valor patrimonial específico.



Muro apresenta indícios de ruína e que delimita o terreno onde se insere o conjunto edificado da antiga Corticeira de São Francisco.

Por outro lado, constitui também um obstáculo à interligação com outros espaços da aldeia, uma vez que transforma todo o terreno que delimita numa autêntica ilha em contexto urbano consolidado. Por estas razões o muro não é incluído nas edificações a classificar.

5. RELATÓRIO PRÉVIO PARA A INTERVENÇÃO DE SALVAGUARDA DOS EDIFÍCIOS DA CORTICEIRA DE SÃO FRANCISCO

No desenvolvimento do Projecto de Arquitectura para a Salvaguarda do Património da Corticeira de São Francisco da Serra, foram definidos critérios prévios para uma intervenção nas suas edificações, que serão expostos sob a forma de Relatório Prévio com base nos aspectos considerados no Artigo 15º, do Decreto-Lei n.º140/2009, de 15 de Junho.

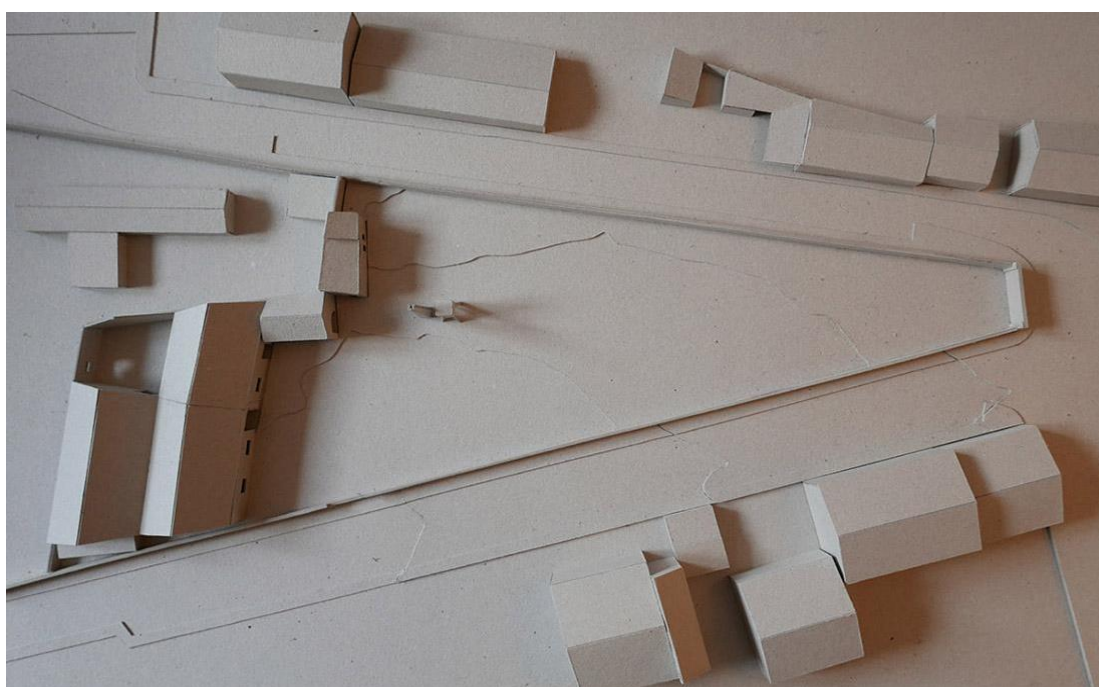
Para a elaboração desta proposta de intervenção levou-se em conta todos os regulamentos e normativas camarárias vigentes para este território, nomeadamente: o Plano Diretor Municipal de Santiago do Cacém (PDMSC) de 2016. Tomou-se ainda em conta outros regulamentos em vigor, nomeadamente o Regulamento Geral das Edificações Urbanas (RGEU) e Regulamento Municipal de Urbanização e Edificação de Lisboa (RMUEL).

a) Critérios que fundamentam a intervenção

Fundamenta esta intervenção a necessidade de salvaguardar o património corticeiro do território de Santiago do Cacém, testemunho de uma época recente, e por isso frágil no seu reconhecimento enquanto marca das práticas de trabalho, intrinsecamente ligadas à cultura das suas gentes. Este património fabril não tem sido catalogado e nem olhado enquanto património industrial a salvaguardar, por meio da sua reabilitação com novos usos compatíveis, e está por isso em risco de se degradar irreversivelmente e desaparecer da vivência e da paisagem desta região. Esta fábrica corticeira claramente localizada no centro da aldeia de São Francisco, é um espaço central da memória coletiva da aldeia e da região. Sustenta ainda esta intervenção a falta de espaços de grandes dimensões em São Francisco da Serra, que permita reunir a comunidade e de um espaço cultural de média dimensão com a capacidade de se inscrever nos circuitos culturais regionais e nacionais. A localização e a espacialidade dos edifícios da fábrica oferecem a capacidade de gerar um programa cultural em rede e iniciar um trabalho sobre a memória e identidade deste território, com o qual se pretende contribuir para revitalizar a aldeia e consolidar a sua estrutura urbana.

A intervenção arquitectónica pretende salvaguardar a integridade do conjunto edificado da Corticeira, utilizando as técnicas adequadas para a sua consolidação estrutural, gerando um programa de usos culturais compatível com a sua morfologia

original que permita revitalizar o edificado com propósitos de uso público e em benefício da comunidade. A intervenção tem ainda o propósito de retirar as barreiras muradas que existem entre a fábrica e as ruas adjacentes, produzindo com esse gesto um espaço público no meio da aldeia, integrando no espaço público as suas principais peças de arquitectura industrial: a chaminé, o poço e o reservatório de água. Posteriormente, no resto do terreno, será desenvolvido um projecto de urbanização do mesmo com o qual se pretende interligar a fábrica com a aldeia numa perspectiva de crescimento e consolidação urbana.



Maquete da Proposta de Intervenção de Salvaguarda dos Edifícios da Corticeira de São Francisco da Serra.

b) Adequação da intervenção às características do imóvel

A Fábrica é um grande recinto murado com edificações concentradas na sua parte oeste. O património construído da fábrica divide-se em 3 tipos de edificações: 1) as naves industriais; 2) as construções adjacentes (alpendre e edifício da administração); 3) as infraestruturas técnicas industriais da fábrica (caldeira, chaminé, poço e reservatório de água).

No que se refere à salvaguarda das edificações da fábrica, as alterações a implementar obedecem às regras da boa construção, respeitando as estruturas existentes, através do uso de técnicas e processos construtivos adequados para os 3

tipos de edificações da Corticeira de São Francisco e minimizando as obras de demolição-

O carácter pragmático da arquitectura industrial respondia com economia de meios ao desempenho de uma função produtiva. O projecto de reconversão e os novos usos previstos serão também introduzidos bebendo da arquitectura existente e procurando um equilíbrio justo para fazer operar as novas funções do edifício.

1) Naves industriais

As naves industriais são dois espaços de grande escala, flexíveis e com capacidade de acolher novos usos, e serão por isso alvo principal do projecto de arquitectura. O programa funcional inclui: 1) um auditório/espaço multifuncional, equipado para receber espetáculos de música, artes performativas e exposições; 2) uma cozinha/restaurante; 3) 8 quartos para residências artísticas; 4) um espaço museológico. de uso flexível, destinado a acolher os objectos que são parte do património material móvel da fábrica.

O espaço amplo oferecido pelas naves, tem fraca iluminação e ventilação pelo que para receber os usos previstos e salvaguardar a salubridade da construção, decidiu-se abrir um pátio na sua zona mais interna. Este espaço já definido pelas paredes existentes, vai permitir à zona da cozinha/restaurante ter uma ampla área exterior e ainda ter janelas para a zona das residências artísticas.

2) Construções adjacentes

As construções adjacentes incluem o alpendre que cobre a caldeira e o edifício onde funcionava a administração da fábrica. Pretende-se nestas construções conservar em absoluto os usos definidos: manter a caldeira sobre um alpendre aberto, destapando o vão que em algum momento de laboração foi cerrado com tijolo, e que permitirá a passagem deste espaço ao interior da nave na área de acesso às residências artísticas. Pretende-se ainda manter os espaços administrativos da fábrica, como espaços destinados aos escritórios da equipa de gestão e produção do espaço.

3) Infraestruturas técnicas industriais

Como infraestruturas técnicas da fábrica, e elementos a preservar enquanto património industrial imóvel, definimos dois grupos: 1) a caldeira e a chaminé; 2) o

poço e o reservatório de água. Pretende-se proceder à sua conservação integral utilizando as técnicas e materiais originais para a sua consolidação. A chaminé e o reservatório de água são elementos identitários da paisagem da aldeia e estarão integrados no projecto de espaço público, bem como o poço que se encontra coberto por uma laje, que se pretende alterar construindo um muro de proteção elevado de forma a ser também um elemento do projecto visível e de composição do espaço público.

c) Compatibilidade dos sistemas e materiais propostos em relação aos existentes

No que se refere às naves industriais, a intervenção de reabilitação será profunda com o objectivo de recuperar e dar solidez à sua construção original, que tem debilidades acentuadas pelos longos anos sem obras de conservação.

As paredes das duas naves industriais apresentam rebocos soltos, conspurcados com sais e com fissuração consequente de assentamentos diferenciais. Também a ligação destas com os montantes interiores não aparenta ser sólida, havendo a necessidade de verificar se a alvenaria desses dois elementos está interligada. O esforço horizontal de tração introduzido pelas asnas de madeira da cobertura no topo dos montantes de alvenaria foi suficiente para descolar alguns montantes das paredes e parti-los.

No que respeita à cobertura, a nave mais antiga está em condições de ser reabilitada, conservando as asnas e as telhas originais. Na nave mais recente, caiu uma parte da estrutura de madeira que suporta o telhado durante o ano de 2019, abrindo um grande buraco que fragilizou toda a estrutura. As asnas de madeira estão apodrecidas ou deformadas devendo ser substituídas na generalidade. Poderão vir a ser aproveitadas algumas asnas que apresentam os seus pontos de apoio apodrecidos, restaurando-os por encabeçamento com madeira nova, colada com resinas e reforçando a ligação com peças metálicas.

A intenção primordial do projecto é manter as qualidades espaciais da volumetria destas duas naves, para tal será necessário um trabalho de consolidação estrutural que inclui primeiramente um lintel que amarrará os pilares de betão armado em todo o perímetro das construções, mantendo no essencial a volumetria do edifício e aproveitando a necessidade do seu reforço para poder ter 2 pisos + vão de cobertura

com alturas regulamentares e confortáveis, nas zonas da cozinha e residência de estudantes.

O programa, pretendendo revelar a arquitetura original das naves industriais, requer soluções de isolamento térmico e acústico que necessariamente interferirão nalguns casos com a leitura dos espaços e materialidade originais, tendo no entanto como princípio orientador da intervenção, permitir o reconhecimento das estruturas originais sem prejuízo das espacialidades adequadas ao programa funcional. Assim são definidas 4 zonas diferenciadas quanto ao tipo de intervenção:

1) no espaço museológico, mantendo as paredes e restaurando as asnas originais do edifício, tirando partido da plasticidade dos espaços escavados no pavimento. 2) no pátio ao ar livre, mantendo visível o carácter das paredes com os pilares à vista e também o pavimento em terra batida; 3) no espaço multiusos, com maiores exigências técnicas e de espaço pretende-se utilizar a totalidade do vão, concebendo outra solução para a estrutura da cobertura que não as asnas; 4) no volume que alberga as residências e o restaurante, procurando o máximo conforto da funcionalidade e da habitabilidade na totalidade da altura disponível, acrescida de 80 cm para a satisfação de condições regulamentares e técnicas.

No que se refere às construções adjacentes, com paredes em alvenaria de tijolo e estrutura de cobertura de asnas de madeira, o seu estado de conservação é razoável, pelo que serão tratadas de algumas infiltrações que as afectam e recuperadas integralmente com as mesmas técnicas construtivas correntes acrescidas de isolamento térmico.

d) Avaliação dos benefícios e riscos das intervenções propostas

Os riscos da intervenção proposta para o património que pretendemos reabilitar são praticamente nulos, uma vez que a parte a central da intervenção, as naves industriais, se encontra em processo de degradação acelerada e não sendo urgentemente intervencionadas acabarão por colapsar totalmente como em parte já aconteceu. Trata-se de uma construção extremamente simples na sua concepção e materialidade, no essencial uma alvenaria de tijolo com uma cobertura em telha marselha sobre asnas de madeira.

Consistindo o processo de revitalização das naves industriais numa recuperação praticamente total da mesma, as vantagens são por outro lado muitas. Na primeira fase da obra retirar-se-á toda a cobertura de modo a aproveitar o máximo possível da telha original e recuperar algumas das asnas de madeira em bom estado de conservação. Dessa forma, esperamos salvaguardar parte da materialidade da cobertura. Por outro lado, retirando essa carga das paredes, poder-se-á trabalhar cautelosamente a sua conservação, exterior e interior, bem como reforçá-las para depois voltarem a receber as respetivas coberturas. A estrutura destas novas coberturas e as estruturas que venham intervir na a consolidação geral do edifício, previstas em madeira e cortiça (blocos e placas), são concebidas como um todo que encaixa e assenta dentro e sobre o edifício original como uma nova camada temporal. Esta nova intervenção dará forma tão poética como prática desenvolvendo o potencial espacial das naves, por recurso às duas matérias primas que formam árvore característica da região, o sobreiro. Solidárias como na própria árvore, estas duas matérias em combinações diversas entre si e por contraste com as paredes de alvenaria, asseguram a identificação de tempos distintos do edifício ao mesmo tempo que evocam de forma omnipresente a sua funcionalidade original e em todos os seus espaços, como num todo harmónico.

Abrindo o pátio exterior, retirando parcialmente a cobertura do edifício mais a tardoz, salvaguardamos também a materialidade original de parte do edificado, com o seu chão de terra batida e as suas paredes mais antigas totalmente expostas, celebrando a rudeza da construção e a passagem do tempo. Atitude semelhante, mas coberta terá o espaço museológico, mantendo os negativos no piso, e o tipo de cobertura do espaço, de forma a manter o seu carácter reforçado com os objetos que faziam parte do funcionamento da fábrica, numa disposição semelhante à original, organizando uma espacialidade flexível, utilizável como extensão do espaço de restauração, como espaço expositivo ou extensão do espaço multiusos.

No espaço multiusos a grande vantagem do tipo de intervenção preconizada, com reforço substancial das paredes e novo esquema de cobertura em nave livre de asnas e isolada térmica e acusticamente com a cortiça é disponibilizar uma “brown box” hiper confortável, na sua dimensão máxima de largura e altura, capaz de receber todo o tipo de eventos, tecnicamente equipada com uma estrutura metálica móvel para suspensão de aparelhagem de luz e som.

No espaço de restauração e residências artísticas, a nova estrutura de compartimentação do espaço prevê-se solta da materialidade original das paredes, não comprometendo a reversibilidade do volume original, assegurando em boa parte a viabilidade económica do projeto, ficando preparada quer para receber artistas em residência, quer visitantes do espaço e da região num fluxo permanente de residentes temporários na aldeia.

Santiago do Cacém, 5 de Fevereiro de 2020,

Ana Jara
arquitecta
OA 11480